



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1548

Gênero e Religião: modelos de subjetividades na escrita literária de Louisa May Alcott

Maralice Maschio
Doutoranda em História/UFPR
Bolsista CAPES

Resumo. O presente trabalho pretende contribuir com as reflexões acerca da importância da literatura como um aporte histórico. Trata-se de um olhar mais voltado para o papel dos sentimentos, das paixões e do processo de subjetivação no espaço público e no espaço privado. A partir da obra *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott, procurar-se-á perceber como determinados modelos de subjetividades femininas foram produzidos e influenciados por elementos como a presença forte da religião na modernidade. Atenta-se, também, para o impacto de determinadas figuras de gênero, importantes na definição de personagens, por vezes cumprindo com relevantes papéis sociais. O século XIX é marcado por discursos que se aproximam do caráter, do corpo, da literatura, do psicológico, do sexo, das raças. Por conseguinte, procura-se indagar sobre como os poderes podem fazer os homens se autorepresentar, se autosujeitar, se autosubjetivar. Tais elementos permitem o lançamento da seguinte problemática: Como Louisa May Alcott instabiliza determinadas subjetividades que parecem tão calcadas num terreno mais geral? No caso do gênero feminino, a submissão pode virar negociação; e, para isso, figuras, personagens e autoras não necessariamente precisam ser revolucionárias. Elementos como a amizade entre homens e mulheres, o casamento entre homens e mulheres com papéis iguais, a escolha de mulheres por determinadas profissões, entre outros, elucidam e desdobram-se de eixos como o casamento, a maternidade, o patriarcalismo e a individualidade feminina.

Palavras-chave: Gênero; Religião; Literatura; Subjetividades.

Cultura política e subjetividades: um debate conceitual

A escrita é um espaço de cultura política, mas não no sentido restrito da produção intelectual. Por isso, neste ensaio, resultado final da disciplina de Gênero e Literatura, ofertada pelo programa de pós-graduação em História, da UFPR, a literatura, gênero de escrita privilegiado, alicerçam-se nas temáticas de cultura e poder como concepções de linguagem, de signos, de valores, de compartilhamentos. O poder, nessa perspectiva, torna-se verticalizado, porque nem sempre é possível determinar com exatidão os lugares da dominação e da resistência; daí a necessidade de uma escolha metodológica de análise histórica (nesse caso, uma escrita corporificada, subjetivada, não universal, mas que tem história e memória, corpo, lugar de anúncio e classe). Nessa direção, pensa-se em como as

múltiplas concepções de gênero se fazem presentes na relação entre cultura e poder; como se produzem as subjetividades nas questões de gênero, a partir da linguagem literária.

Diante dos papéis definidos, centrados e fixos do sujeito iluminista, dos quais Jean-Jacques Rousseau aceita e destaca as diferenças naturais nas relações morais entre homens e mulheres¹, é possível dialogar com Stuart Hall e seu conceito de “identidade”. Para ele, não há apenas uma identidade capaz de qualificar um sujeito, pois cada indivíduo possui diversas formas de se compreender como parte integrante da sociedade. Nisso inclui-se aspectos como etnias, raças, religiões e o pertencimento a vários tipos distintos de grupos sociais.

As identidades são, portanto, intercambiáveis, podendo ser modificadas em relação aos interesses dos sujeitos, devido a questões particulares que fazem com que a identidade seja politizada. Por isso, as noções de individualidade estão sempre relacionadas com questões econômicas, sociais, políticas, culturais; é o individual e o coletivo em correlação. É, como admite Hall, um jogo de definições de identidade e mudança, portanto, uma “pluralização” de identidades.²

Em busca de aprofundar o conceito de Hall, é possível dialogar com Felix Guattari e Suely Rolnik, pois apresentam uma crítica no sentido de estabelecer os conceitos de sujeito e identidade como categorias que proporcionam um binarismo. Ao admitir que na chamada pós-modernidade ocorre uma espécie de (des)centramento do sujeito deslocamento das identidades, os autores admitem que vários sujeitos e grupos já davam indícios disso em outros tempos. A pós-modernidade realmente se apresenta como o momento da teorização dos conceitos, dos processos, da intensificação política, das resistências. Porém, é preciso não romper com as categorias e, sim, pensa-las numa noção de trânsito, de hibridismo (de indivíduos, ideias, desejos).

Segundo Guattari e Rolnik, é preciso pensar no conceito de natureza humana, incontestável para eles, devido a sua potencialidade, seu livre arbítrio. É necessário perceber, no olhar dos dois, a questão do “eu” e do “eu próprio”, da construção da identidade subjetiva: “Eu me possuo, sou dono de minhas vontades, faço escolhas”; ideia de “*sujeitos nômades*”. Por isso, torna-se necessário relacionar a busca da identidade: de um lado as produções de controle social e, de outro, as maneiras subjetivas de perceber o mundo. Em suas palavras:

O que é produzido pela subjetividade capitalística, o que nos chega através da mídia, da família, enfim, de todos os

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 492

² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 18

equipamentos que nos rodeiam, não são apenas ideias; não são a transmissão de significações através de enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificações com polos maternos, paternos, etc. são, mais essencialmente, sistemas de conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo.³

Desdobrando os conceitos de identidade e subjetividade pensados por Guattari e Rolnik, dialoga-se com Glenn Jordan e Chris Weedon e sua operação com a impossibilidade de dissociar as noções de poder e subjetividade. Identidade e subjetividade são conceitos internos, mas também são coletivos; são por vezes inconscientes e estão sempre inseridos em determinado contexto. Identidades individuais e coletivas pertencem a uma rede, que inclui resistências subjetivas, mas nem sempre produzem práticas sociais concretas para derrubar os parâmetros hegemônicos.⁴

Ao tomar tais conceitos como norte, torna-se possível o entendimento do significado da literatura neste ensaio. Os teóricos, através dos aportes lançados, permitem refletir acerca “do lugar do sujeito”, o que escreve e o que pensa seu próprio lugar. Por isso, a literatura é vista aqui a partir das relações de cultura e dos espaços de poder. Este precisa ser pensado nas formas como os que se apoderam dele, nas zonas intermediárias, nos que escrevem, por exemplo. Afinal, o poder não é somente esmagador, ele também é produtor.

Com uma discussão que permite amarrar esse conjunto de reflexões, torna-se possível o debate com Rita Felski, que lança um interessante questionamento: Será que a modernidade tem um gênero? Se sim, ele possui um sexo? É engendrado? Atenta à produção de sentidos e significados, ela vê o gênero como uma construção que influencia nas grandes dimensões da experiência, mas admite que outras dimensões desestruturantes da sociedade também definem o gênero (capitalismo, burocracia, política, etc.).

Felski propõe “os femininos” e a modernidade para pensar a existência de uma multiplicidade de vozes e experiências. Não é possível, segundo ela, olhar a modernidade a partir da eleição de uma única evidência, porque as experiências da modernidade são plurais, plurissêmicas (cruzamento do tempo que não emerge de lugares específicos)⁵. A modernidade é instável, possibilitando afrontar limites, até então fixos, como o da neutralidade masculina. No romantismo, fenômeno moderno, por exemplo, há a participação de inúmeras mulheres;

³ GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 67

⁴ JOURDAN, Gleen & WEEDON, Chris. *Cultural Politics: Class, Gender, Race and the Postmodern World*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995. p. 16

⁵ FELSKI, Rita. *The Gender of Modernity*. Cambridge: Harvard University Press, 1995. p. 15

daí a imbricação de gênero (feminino e modernidade). Existe, portanto, uma relação de forças que não pode ser negada na modernidade: o poder representacional é masculino, mas as mulheres não estão apenas nas margens. A literatura, nessa direção, também pode ser vista como um espaço de poder. Contudo, não sendo institucionalizada, é necessário observar suas fissuras.

Trazer à tona esse conjunto de reflexões ajuda a problematizar o lugar da escritura como um lugar que nunca é fixo, mesmo que pareça ser. Perceber as zonas de fronteiras, as fissuras, o trânsito, os hibridismos, as instabilidades, é o que há de mais pertinente na análise das produções das subjetividades de gênero na modernidade. Por isso, cabe investigar como o gênero literário, visto aqui a partir da obra *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott, pode representar uma área fraturada, fazer movimentos, por vezes subterrâneos, ajudar na construção de subjetividades femininas na modernidade.

Subjetividades de gênero na escrita literária de autoria feminina: autora, vida e obra

A escrita produzida por mulheres no século XIX, com temáticas do universo feminino, era uma das poucas atividades aceitas socialmente para as mulheres. Embora muitas vezes de modo sutil, autoras e várias de suas personagens simbolizaram questionamentos, inconformismos e instabilidades num terreno aparentemente consolidado.

Louisa May Alcott teve sua vida afetada diretamente pela estrutura social a que estava submetida e encontrou na literatura a oportunidade de recriar o mundo e uma sociedade onde se pregava a possibilidade da felicidade matrimonial e o esquecimento de horrores como os da Guerra Civil americana. Nesse sentido, *Mulherzinhas* possibilita pensar sobre o papel feminino na sociedade em que a autora viveu, a fim de observar até que ponto a vida pessoal de uma autora pode influenciar sua própria obra, já que dedicou sua vida às suas obras e não ao perfil de esposa e de mãe dedicada, papéis tão comuns para a época.

O lugar reservado às mulheres na sociedade estadunidense do século XIX impedia que estas pudessem colocar “em risco” a soberania masculina. Foi dentro deste parâmetro que Alcott deu voz a muitas mulheres através de suas personagens. Elas puderam questionar o porquê de um casamento por conveniência, o porquê de uma mulher não poder ir à guerra lutar pelo seu país, o quanto era difícil para uma jovem ser solteira aos vinte e cinco anos, por exemplo, ou ter que casar com um homem até quarenta anos mais velho, apenas para atender a necessidade que a família tinha de proteção. A própria experiência de vida da autora serve

como parâmetro: ficar solteira, sem constituir família e ter que enfrentar várias barreiras para ter suas obras publicadas e vencer o preconceito de dedicar-se à literatura.

De modo geral, os perfis de personagens femininos no período romântico parecem obedecer a uma espécie de regra: os conflitos em se atender a submissão do pai, do marido e, por fim, das regras da sociedade; sendo que as personagens seguem, em sua maioria, como heroínas resignadas para desfechos de felicidade eterna. Em sua primeira fase, ligado à Revolução Francesa e à Revolução Industrial, o Romantismo inseria uma nova classe social na arte literária: a burguesia. Os conflitos instaurados por esta nova estrutura social empreenderam grandes acontecimentos por toda a Europa, estes por sua vez, influenciaram diretamente todos os ramos de expressão artística, entre eles, é claro, a Literatura. Neste período, a Inglaterra vivia seu conflito com a França e os Estados Unidos viviam as disputas internas, a guerra civil, que visavam estrutura-lo como a nação a qual conhecemos hoje. E é nesse conturbado contexto histórico, que é publicada a obra *Mulherzinhas* (1868), de Louisa May Alcott.

Alcott foi uma das primeiras escritoras estadunidenses e aos trinta e seis anos publicou seu sétimo livro, *Mulherzinhas*, dividido em duas partes: *Mulherzinhas* e *Boas Esposas*, com conversas íntimas entre a senhora March e suas filhas: Jo, Meg, Amy e Beth. Na primeira parte da obra, a figura masculina tem papel secundário: O patriarca da família March estava na guerra civil. A exceção está na figura de Laurie, que se torna praticamente irmão das meninas, estabelecendo uma sólida e igualitária amizade entre diferentes. A segunda parte traz o retorno da figura paterna e estabelece as vivências das meninas no espaço público e privado, bem como as diferentes e possíveis relações entre os sexos. É dada uma atenção especial ao espaço doméstico e a relação com seus pares, tornando temáticas como o casamento e a maternidade mais evidentes.

Louise foi educada em casa pelo pai, o filósofo e educador Amos Bronson Alcott. Aos quinze anos começou a contribuir para a renda familiar, trabalhando nas mais variadas atividades, incluindo a de professora e a de costureira. Este acaba sendo também o cenário de *Mulherzinhas*: o retrato de uma família de classe média estadunidense do seu tempo, ou seja, a própria família da autora, embora com elementos ficcionais, salientando valores morais como o civismo, o amor à pátria e a dedicação ao lar e ao próximo.

Mulherzinhas é considerado um romance de ficção, mas também sentimental na esfera doméstica. Alcott escreveu sobre o processo íntimo de desenvolvimento feminino, seus problemas e triunfos. É ficção de mulheres, pois conta uma história escrita para os leitores do

sexo feminino, sobre um tópico feminino, e é escrita por uma autora feminina. No entanto, ao escrever esse romance sentimental para as mulheres e sobre as mulheres, Alcott brincou com as convenções do romance sentimental, duplicando as heroínas e ajustando os temas-chaves.⁶ Como o romance é parcialmente baseado na vida da autora, não é estranho encontrar quatro heroínas ao invés de uma. Crescendo com quatro meninas, Louisa criou uma casa paralela no romance, fortemente relacionada com a sua própria casa.

Uma vez que a obra estabelece uma relação indireta entre a vida da autora e suas experiências, o leitor é conduzido a caminhar em torno da chegada da “idade” das meninas March. São inúmeras angústias, anseios, desejos, paixões, sonhos e vontades até se chegar à vida e ao mundo esperados. Logo, torna-se relevante explorar o eixo discursivo indireto que permeia toda a escrita de Alcott e possibilita elucidar desdobramentos de sua vida, da sociedade da época, bem como perceber o quanto determinadas subjetividades femininas foram influenciadas por discursos hegemônicos, ao mesmo tempo em que os mesmos ofertaram brechas e fissuras para tantas outras possibilidades, concepções e práticas subjetivas.

“Brincando de peregrinos” ao “Tempo de colheita”: A presença da religião nos modelos de subjetividades femininas

Louisa May Alcott procura construir o eixo da transição, a passagem da idade adulta para as irmãs March. Com esse intuito, indiretamente ao longo do livro, o leitor é conduzido a uma espécie de alegoria por um mundo vindouro. É a idade do romance sendo construída no decorrer dos capítulos, com traços religiosos e uma filosofia da moral, cuja linha norteadora, com enredo sentimental, é a obra religiosa *O Peregrino*⁷, de John Bunyan, bastante familiarizada entre todas as idades, no século XIX. Muitos protestantes, inclusive, consideram sua obra a mais reconhecida no universo cristão depois da Bíblia, até hoje.

⁶ LAIRE, Delphine. *Little Women, a Feminist Study*. Ghent University. Faculty of Arts and Philosophy, 2008/2009. p. 19 (Dissertação de Mestrado)

⁷ Escrito entre 1678 e 1684, Bunyan conta a história de Christian, um homem comum, em sua jornada da Destruição para a Cidade Celestial. Para chegar à cidade Christian deve passar pelo Pântano do Desânimo, o lugar da Beleza, Vanity Fair, o rio da morte. Com sua escrita desafia a ideia de que o julgamento literário não é tocado pela crença pessoal. Por isso sua narrativa é simples e aparentemente “salvadora de almas”. Afinal a intenção é a de fazer com que as pessoas identifiquem suas trajetórias de vida e visem lapidar aspectos obscuros ou que as desviem da autoperfeição, redenção, salvação, etc.; exercício produzido pelo próprio autor, que resultou na obra.

Mulherzinhas, assim como a autora,⁸ são fortemente influenciadas pelo Transcendentalismo⁹, vertente do Romantismo europeu, que vigorava na América daquele período. A história desse movimento está ligada ao unitarismo das igrejas congregacionalistas da Nova Inglaterra do século XIX, que estabelecendo uma convergência em direção a um cristianismo teísta e de feição liberal, transitando entre o religioso e o secular, exerceu um poder de atração sobre as classes médias estadunidenses, distanciando-se do antigo calvinismo que marcara a história das comunidades ao longo dos primeiros séculos de povoamento da costa leste norte-americana.

Alcott, que fora educada em casa pelo pai, transcendentalista, pelo qual tinha profunda admiração, embora tenha vivido uma relação bastante conflituosa ao longo da vida, recebe uma cópia do livro de Bunyan aos oito anos de idade e faz com que suas irmãs também o recebam. Este é o motivo para as meninas, familiarizadas com a obra desde cedo, fazerem uma peregrinação, “brincarem de peregrinas”, como ela mesma intitula no primeiro capítulo. As irmãs March devem conhecer e suportar suas falhas de caráter como encargos em sua jornada em direção ao autoaperfeiçoamento; e, nessa jornada, são forçadas a passar por seu próprio Vale da Humilhação, pelo Pântano do Desânimo e pelo Vale da Sombra para chegar à Cidade Celestial ou, em suas palavras, aos “Castelos no ar”.

Do mesmo modo que na vida de Alcott, já no segundo capítulo, *O Peregrino* é dado como presente de Natal para as March. Ele serve como exemplo da figura paterna, que as ensinou a andar pelo caminho certo. E, uma vez que o pai está na guerra, o livro ajuda a manter viva a lembrança do mesmo. Os encargos são diferentes para cada uma das personagens, que devem suportar suas falhas pessoais. Meg tem que lidar com sua vaidade; Jo, com seu temperamento terrível; Beth com sua timidez e Amy com seu egoísmo. As March devem conhecer e apreender a corrigir as suas próprias falhas, a fim de corresponder às expectativas de seus pais como esposas, mães, cidadãs.

A religião foi um fator importante, presente e imperativo na vida das heroínas e da família March como um todo. Porém, Alcott, embora influenciada pela filosofia

⁸ Alcott, inclusive, tinha amizade com colegas transcendentalistas como Ralph Waldo Emerson, cuja vasta biblioteca freqüentava regularmente, Henry David Thoreau, a quem acompanhava em caminhadas no campo e Margaret Fuller. Nathaniel Hawthorne e sua família também participaram do círculo intelectual dos Alcott.

⁹ O Transcendentalismo esteve intimamente ligado a Concord, pequena vila da Nova Inglaterra, próxima de Boston, e local da primeira batalha da Revolução Americana. O movimento transcendentalista foi uma reação contra o racionalismo do século XVIII e uma manifestação da tendência humanitária do pensamento do século XIX. Baseava-se na crença fundamental entre a unidade do mundo e de Deus. Para Ralph Waldo Emerson, um dos fundadores, a alma de cada indivíduo estava identificada com o mundo, um microcosmo do próprio mundo. A doutrina da autoconfiança e do individualismo se desenvolveu através da crença na identificação da alma individual com Deus.

transcendental, constrói uma narrativa de imbricação entre os eixos de religião e gênero, em que cada heroína tem a permissão para encontrar o seu próprio Deus, suas próprias crenças, sem a intervenção de instituições religiosas. Com isso, vê-se que a religião, embora herdada de um sistema de sociedade e modelos patriarcais, torna-se também algo pessoal, subjetivo para as irmãs March, experimentada, identificada e entendida de acordo com os momentos enfrentados por cada uma delas.

Um terreno instável: Patriarcalismo, casamento e individualidade feminina

Louisa May Alcott tinha desejos e necessidades, que entravam em conflitos com os do pai e da sociedade da época. A família passou por dificuldades financeiras, colocadas pelo pai, que obrigaram ela e as irmãs a trabalharem desde cedo. De modo semelhante, em *Mulherzinhas*, o Senhor March perde sua fortuna ao ajudar um amigo e as meninas são obrigadas a trabalhar desde cedo, mas também a cultivar sua independência. Por isso, no decorrer da obra quando as questões da pobreza e da necessidade aparecem, a família é apresentada como um bem muito maior e importante que o dinheiro.

A temática do patriarcalismo proporciona alguns indícios. O pai é o grande detentor dos ensinamentos, embora os homens tenham papel secundário no livro. Tudo começa na família e todos têm o direito de participar. Por outro lado, a sociedade patriarcal consagrou mulheres no mercado interno, mas também fez as mulheres doentes, tanto física quanto mentalmente (Ex: agorafobia, medo de lugares públicos, que afeta geralmente as donas de casa). Beth talvez possa ser vista como um exemplo emblemático da típica mulher do anjo vitoriano infectada por essa síndrome.¹⁰ Por isso, Beth é usada ao longo do romance como a injustiçada mulher vitoriana. Exemplo confessado, inclusive por ela, em seu leito de morte: “Não sei como me expressar e não posso falar exceto para minha Jo. Não sou como vocês, não tenho planos, só sei trotar nessa casa e agora a parte mais difícil é deixar a todos vocês”.¹¹

Alcott lutou pela abolição da escravidão e pelos direitos femininos ao voto. Usando sua escrita como um processo constante de interrogar e criar a si mesma, explorou possíveis identidades e individualidades femininas falhas e ideais de modo a tanto rejeita-las quanto admira-las¹². Por isso, o romance é recheado de pormenores da vida das personagens, como se

¹⁰ WESTER, Bethanu S. “At home we work together”: domestic feminism and patriarchy in *Little Women*. The Florida State University: College of Arts and Sciences, 2005. (Dissertação de Mestrado)

¹¹ ALCOTT, Louisa May. *Mulherzinhas*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p.

¹² Alcott aponta para a produção de individualidades femininas a partir de sua vida e também de *Mulherzinhas*. Jo, a heroína principal, apaixonada por livros, franca, rebelde, brava, personagem completamente humano, dotado de tensões e conflitos. Meg, personagem que acaba por representar o convencional da época, em alguns

observa no trecho abaixo, narrado pela personagem Jo: “Meg estava com uma fila extra de papelotes na cabeça e besuntara copiosamente com creme o rosto ansioso; Beth levava a Joana para sua cama, para mitigar as saudades da próxima separação e Amy chegara ao cúmulo de apertar o nariz com uma mola de prender roupa para dar-lhe a forma mais perfeita”.¹³

A individualidade feminina de Alcott fica evidente, por exemplo, na condução de sua permanência à solteirice durante a vida ou a liberdade e independência econômicas, que o próprio pai nunca teve. Afinal, a venda de seus livros proporcionou estabilidade, assim como não casar e não ter filhos foram opções. Tanto Alcott quanto suas personagens representaram a possibilidade de questionar e combater injustiças, tais como a escravidão doméstica e econômica, com as próprias ferramentas de que dispunham as mulheres daquela época.¹⁴

Com a predominância do papel da educação recebida no lar, durante o século XIX, percebe-se que mesmo diante de todas as transformações ocorridas neste século, os “novos modelos” não sobrepujaram a estrutura arraigada na sociedade, já que nesse período educar era fazer com que a criança parecesse adulta. Até então, o universo infantil era povoado pelo anseio da aprovação e o fantasma da culpa. Mas, na casa dos March, a matriarca prezava pela integridade das filhas a ponto de preocupar-se em não tirar-lhes a infância, nem tão pouco sobrecarregá-las com a responsabilidade de casar-se com um marido rico.

Por outro lado, através do contexto da guerra civil americana, palco do livro e da vida de Alcott, esta pôde expressar muitos de seus questionamentos. Josefine March, por exemplo, representa “a mulher por trás de *Mulherzinhas*”, ou seja, a própria autora. Tendo trabalhado como enfermeira voluntária na guerra já que não podia lutar junto do pai, pois não era função para mulheres (o serviço à pátria, no caso feminino, estava, especialmente na esfera educacional, de formação), transfere um pouco de sua experiência para a narrativa. “É bem ruim ser moça quando gostamos de esportes, trabalhos e maneiras de rapaz. Mal escondo meu desapontamento por não ser homem, principalmente agora, que devia estar ao lado de papai, combatendo e acho-me, entretanto, em casa a pontear meias, como qualquer velha”.¹⁵

A questão do casamento, elemento central para a sociedade da época, aparece como uma nova possibilidade em *Mulherzinhas*: uma união igualitária que abre espaço para o

momentos até submisso, embora estabelecendo possibilidades de relações e papéis igualitários no espaço doméstico; apresenta forte fraqueza pelo luxo e por dinheiro. Amy, de grande beleza artística e, por conta disso, bastante popular aos olhos masculinos; por vezes manipuladora e gananciosa. Beth, de natureza angelical, quase inumana, agradável aos olhos de todos, tímida e quieta, que lutava pela família; o típico “anjo do lar”.

¹³ ALCOTT, Louisa May. *Mulherzinhas*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 137

¹⁴ WELLS, Kim. “Introduction: A Feminist critical study of Alcott”. In.: *Loisa May Alcott and the Roles of a lifetime*. 1998. p. 5. Disponível em: <http://www.womenwriters.net/domesticgoddess/thesis1.htm>

¹⁵ ALCOTT, Louisa May. *Mulherzinhas*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 15

diálogo e a divisão do trabalho. Não se trata do reflexo de um amor físico, mas sim da idealização de uma parceria entre iguais. Apesar de todas as irmãs March se casarem, com exceção de Beth, que falece jovem, o casamento não é abordado como obrigação e sim como opção. O casamento de conveniência também é desaprovado, pois as meninas são bem educadas e sábias para serem prudentes em suas escolhas.

Amizade, casamento e maternidade, temas interligados em vários momentos na obra despontam, portanto, como possibilidades de igualdade entre os sexos. A amizade entre Laurie e Jo, por exemplo, que persiste mesmo depois de Laurie se declarar apaixonado por ela, sem ser correspondido, e acabar se casando com a irmã, Amy, indicou a possibilidade de existir casos plenos e, também, de apenas amizade entre homens e mulheres. Outro exemplo foi a criação da escola Plumfield, de Jo e seu marido, o Sr. Bhaer, representando uma reforma educacional, que contrastou os métodos tradicionais de educação como os que Amy se deparou no início da obra. Nesse espaço, mulheres e homens, pais e filhos, adultos e crianças foram vistos e tratados como iguais, todos cuidando de todos e dividindo as tarefas.

Tais elementos permitem compreender que é o campo da cultura o permissivo da percepção de esferas como a dominação, os questionamentos, as reproduções e produções de subjetividades individuais e coletivas. Não esquecendo que estas, por sua vez, abrem experiências no tempo e no espaço, além de ampliarem a própria noção de identidade.

Conclusão

A leitura de *Mulherzinhas* permite considerar que Louisa May Alcott não se entrega a uma escrita feminista. No entanto, indiretamente sugere tanto uma escrita feminista quanto antifeminista, suscitando calorosos debates; A tal ponto que Alcott foi praticamente esquecida no século XX e, recentemente, estudiosos têm tentado recriar um cenário para reexaminar esta literatura como um exemplo significativo para se pensar identidades, concepções e práticas subjetivas femininas da sociedade moderna. Afinal, utilizando-se das próprias armas de que dispunha, Alcott mostrou como é possível certa independência dentro da esfera doméstica, a conquista de espaços de trabalho, parcerias entre diferentes, seja na esfera do casamento, da maternidade, da amizade ou do trabalho.

Alcott, em seu livro, defende os benefícios da socialização feminina, ao mesmo tempo em que mostra o quanto pode ser terrível o custo da submissão feminina. Por conseguinte, percebe-se que não é que não existisse consciência e raiva entre as mulheres da sociedade moderna e mesmo em Alcott, mas as mulheres acabavam em vários momentos apreendendo a

reprimir seus sentimentos e até a negociar situações, visando revertê-las em benefícios próprios. Nesse sentido, a autora pode ser vista como exemplo de literária bem sucedida ao mostrar como o século XIX desenhou uma expansão gradual da esfera feminina (oportunidades de carreira para as mulheres, educação feminina), o processo próprio para se tornar uma mulher.

Em *Mulherzinhas*, embora as irmãs March encontrem a felicidade na esfera doméstica, no núcleo parental e nas redes de ligação com base no amor (“Tempo de colheita” ao longo de sua “brincadeira de peregrinas”), as meninas não são e nem se tornam as mulheres passivas típicas, as ladies ou donzelas em perigo, em necessidade de resgate. Centradas no espaço doméstico, elas são independentes e autosuficientes, passando por várias provas enquanto crescem. Do mesmo modo, enquanto o casamento é emblemático na sociedade vitoriana, em *Mulherzinhas* as meninas não são forçadas ao papel de “Anjos do Lar”. Uma nova domesticidade é adquirida e as mulheres podem falar livremente, aspirar carreiras e ser tratadas como iguais.

Doravante, o livro torna-se extremamente interessante ao permitir visualizar o século XIX a partir da relação entre a cultura patriarcal e a própria cultura das mulheres. E, nesse sentido, é visível a tentativa de Alcott em explorar determinadas expectativas da sociedade em benefício próprio. Ao produzir histórias góticas durante certo tempo, por exemplo, visualiza-se uma estratégia de sobrevivência da autora diante de um mundo hostil e excludente. Por outro lado, identificam-se tensões que refletem impulsos e desejos próprios. Na “louca do sótão”, por exemplo, há a tensão entre a heroína Jo, inocente de muitos trabalhos típicos do século XIX, diante da “louca” escritora e mulher, que deve reprimir sua própria vontade de escrever em detrimento de sua saúde física e mental.

Em suma, o romance centra-se na autoridade feminina banida para as esferas nacionais, representadas como as guardiãs da espiritualidade e da virtude. Conta histórias sobre a autonegociação entre possibilidades sociais para as mulheres, que embora tenham terminado no casamento, este representava a domesticação final das mulheres, a institucionalização da vida familiar na época. Nesse sentido, apesar de muitas autoras do sexo feminino, como Alcott, decidirem ficar sozinhas ao longo da vida, casavam suas heroínas e, na grande maioria das vezes, atribuía-las a maternidade, pois no século XIX estavam escrevendo para um determinado público e tais elementos pareciam necessários para a felicidade, embora não fossem obrigatórios na constituição da identidade de uma mulher. Por isso, é possível dizer que mulheres dentro de romances como *Mulherzinhas*, muitas vezes

reconheciam a si mesmas como vivendo cercadas por outras mulheres, percebendo que a relação com seu próprio sexo era, de fato, a textura de suas próprias vidas.

Referências Bibliográficas

- ALCOTT, Louisa May. *Mulherzinhas*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- BUNYAN, John. *O Peregrino*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Ensaio*. Perfil biográfico de Henry Thomas.
- FELSKI, Rita. *The Gender of Modernity*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOURDAN, Gleen & WEEDON, Chris. *Cultural Politics: Class, Gender, Race and the Postmodern World*. Malden, Massachussetts: Blackwell Publishers, 1995.
- LAIRE, Delphine. *Little Women, a Feminist Study*. Ghent University. Faculty of Arts and Philosophy, 2008/2009. (Dissertação de Mestrado)
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WELLS, Kim. "Introduction: A Feminist critical study of Alcott". In.: *Loisa May Alcott and the Roles of a lifetime*. 1998. Disponível em: <http://www.womenwriters.net/domesticgoddess/thesis1.htm>
- WESTER, Bethanu S. "At home we work together": domestic feminism and patriarchy in Little Women. The Florida State University: College of Arts and Sciences, 2005. (Dissertação de Mestrado)